APRESENTAÇÃO

O *Manual de Epicteto* foi composto por Lúcio Flávio Arriano Xenofonte que, baseando-se na compilação das aulas de Epicteto, compôs essa obra seminal de um dos grandes nomes do Estoicismo Imperial, tornando Epicteto célebre e eternizando seus preceitos filosóficos até os dias de hoje. O léxico do *Manual* tem origem no termo grego *encheirídion*, que significa 'estar à mão', atribuindo à função da filosofia de Epicteto a consideração de a quem se destina e para que serve essa obra da tradição estoica.

É nesse tipo de questionamento que reside o foco da proposta deste periódico, que tem como objetivo (Re)ler o *Manual de Epicteto* hoje. A iniciativa se concebe, sobretudo, como uma celebração da nova tradução da obra pelo Prof. Dr. Aldo Dinucci, da Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisador reconhecido pela excelência de seus estudos sobre os estoicos e sobre o estoicismo. A tradução de Dinucci nos guiará nas reflexões aqui apresentadas, as quais problematizam as *diatribes* de Epicteto. Tal empreitada se realizará por meio de procedimentos e estratégias para compor o ato de (re)ler tão significativa expressão linguística, seguindo as vias abertas por Dinucci, as quais moldam nossos modos de vida em um momento muito particular, o hoje.

Desse modo, o fato primordial que embasa a investigação da (re)leitura do *Manual de Epicteto* é compreender como o ontem da liberdade política do dizer de Epicteto impacta sobre o nosso modo de pensar e viver politicamente o hoje. Propomos, assim, analisar e discutir as possíveis retóricas de nossa atualidade que colaboram para o entendimento e a produção de saberes acerca de como: a) o *logos* estoico se desdobra sobre uma razão universal que nos conduz a modos de governo neste presente; b) a ética, compreendida em seu *ethos* político, aponta para o bom uso dos valores e da condução do corpo/da alma. Partindo desses pressupostos, acrescentamos o investimento sobre a envergadura de um c) *pathos* que se faz presente no *Manual* de Epicteto, ao tratar do que consideramos como emoções – as diretrizes que ele estabelece em torno da sensação, da representação, do impulso e do assentimento –, visando a um fundamental controle das emoções de si como caminho para o governo do outro em filosofias outras.

Por último, e fundamental para o levantamento desse quadro da lógica, ética e emoções estoicas em nosso presente. Tomamos, certamente, essas discussões no âmbito da filosofia tradicional estoica com a abertura para teorias convergentes que colaboram

com a verticalização da leitura de Epicteto, destacando a Filosofia no seio das Ciências da Linguagem, tais como: o trágico em Epicteto, a metáfora do ator materializada no *Manual*, o governo das emoções enquanto autarquia em um releitura do *Manual*, a compreensão do discurso estoico e a constituição de um sujeito aristocrático, a relação de Epicteto para a reflexão sobre cuidado de si e educação, a problematização do *bio* e do *logos* em Epicteto, a leitura do *Manual* a partir de Pierre Hadot, a relação das ideias de Stockdale e Epicteto, o estudo da filosofia de Epicteto e a filosofia de Hegel.

A interdisciplinaridade e a ampliação dos saberes da Filosofia nas Ciências Humanas constituem o ponto nevrálgico para fazermos um retorno, hoje, à constituição do próprio *Manual de Epicteto*, que serve à reflexão de necessidades individuais e se destina ao questionamento da condição humana e nossa relação, nesta atualidade, com as sociedades nas quais tecemos razões e valores fundamentados em uma arqueologia estoica. Tudo isso é sustentado pela expressividade linguística e teórica da tradução brasileira do *Manual de Epicteto* por Aldo Dinucci e por seu investimento conceitual e epistemológico na condução dos estudos sobre o estoicismo hoje.

Nilton Milanez (UNEB/UFMG)
Helcira Lima (UFMG)
Vilmar Prata (UFES/FAPES)